

INDICADORES DE PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA PORTUGUESA SOBRE JORNALISMO ATÉ AO 25 DE ABRIL DE 1974

Jorge Pedro Sousa

Professor Associado - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (UFP)

j.p.sousa@mail.telepac.pt

Carlos Duarte, Gabriel Silva, Mônica Delicato, Nair Silva

Mestrandos em Ciências da Comunicação - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (UFP)

Resumo

Neste texto, apresentam-se os indicadores de produção bibliográfica portuguesa sobre jornalismo até à Revolução de 25 de Abril de 1974. Mostra-se que, apesar de existirem exemplos de reflexões sobre jornalismo elaboradas por portugueses em Portugal desde o século XVII, só a partir da segunda metade do século XX é que se consolida o campo dos estudos jornalísticos no país. Liberdade de imprensa, história do jornalismo, biografias e memórias de jornalistas e teoria do jornalismo são os temas mais abordados.

Abstract

In this text we present the production indicators of Portuguese books about journalism published before the Revolution of the 25th of April 1974. We concluded that, in Portugal, thinkers have written about journalism since the 17th Century. However, journalism studies were consolidated in Portugal only after 1950. Freedom of press, history of journalism, biographies and memories of journalists and theory of journalism are the most common subjects of the books about journalism published in Portugal before 1974.

INTRODUÇÃO

Este texto insere-se no projecto “Teorização do Jornalismo em Portugal: Das Origens ao 25 de Abril de 1974”¹, no âmbito do qual procurámos inventariar os livros, folhetos, separatas e similares (ou seja, obras “individuais”) que teorizam sobre jornalismo editados em Portugal até à Revolução de 25 de Abril de 1974 e que são da autoria de autores portugueses.

Tendo em conta que uma grande parte da época histórica que nos propusemos estudar corresponde a um período em que a pesquisa e reflexão em jornalismo se começou gradualmente a impor, não tendo, portanto, as características de cientificidade e rigor que possui nos dias de hoje, demos um *enquadramento amplo* ao que considerámos “teorização sobre jornalismo”, englobando no conceito, por exemplo, livros de memórias de jornalistas com reflexões sobre a actividade, antologias jornalísticas onde existem reflexões sobre jornalismo e jornalistas, livros sobre comunicação que abordam o tema do jornalismo, etc.

O inventário foi realizado, sobretudo, através da pesquisa em catálogos manuais e electrónicos das bibliotecas portuguesas (incluindo, obviamente, a Porbase), em especial na Biblioteca Nacional. Consultámos, ainda, as bibliografias das várias obras inventariadas e de outras obras mais recentes, que, por vezes, indicam livros cujos títulos dificilmente seriam conectados com a “teorização do jornalismo” numa pesquisa pelos catálogos.

Foi nossa intenção responder às seguintes perguntas de investigação:

- 1) Como evoluiu quantitativamente a produção de livros que teorizam sobre o jornalismo em Portugal até 1974, em geral?
- 2) Quais os grandes temas da produção intelectual portuguesa sobre jornalismo antes de 1974?
- 3) Como evoluiu, tematicamente, a produção intelectual portuguesa sobre jornalismo antes de 1974?
- 4) A edição de livros sobre jornalismo espalhou-se por todo o país, à semelhança da própria imprensa, ou tratou-se de uma actividade centralizada na capital?
- 5) Quais os autores mais produtivos?

Para respondermos à segunda e à terceira questões, definimos as categorias temáticas referidas na tabela 1, nas quais procurámos integrar os livros inventariados. As categorias foram definidas *a priori*, mas sofreram vários ajustes *a posteriori*, no decorrer do processo de classificação dos livros.

Os indicadores de produção bibliográfica aqui apresentados permitem-nos ficar com uma ideia aproximada da produção intelectual portuguesa sobre jornalismo antes de 1974. Não excluímos que existam livros não inventariados no âmbito deste projecto, mas pensamos que serão uma minoria, pelo que a sua hipotética exclusão destes indicadores não afecta o desenho das grandes tendências de produtividade que aqui tentámos realizar. Por outro lado, sabemos que os indicadores de produtividade não explicitam a qualidade da teorização produzida, mas são relevantes para se determinar quais as épocas em que mais fervilhou a reflexão e a pesquisa sobre jornalismo.

Tabela 1 Categorias temáticas para classificação dos livros inventariados

Categorias	Definição
Teoria do jornalismo	Obras que teorizam sobre jornalismo e a sua interação e influência sobre a sociedade e a cultura desde o ponto de vista académico, filosófico ou mesmo científico (sociológico), com excepção das obras sobre opinião pública e aspectos correlatos e outras melhor inseridas noutras categorias. Livros que teorizam sobre as técnicas, géneros e estilos jornalísticos. Livros sobre jornalismo, desenvolvimento e progresso. Livros sobre teoria jornalística especializada. Reflexões, em geral, sobre jornalismo que não caibam noutras categorias. Textos sobre comunicação que incluem o jornalismo.
História do jornalismo	Obras sobre a história do jornalismo, a nível internacional, nacional ou local. Catálogos e dicionários bibliográficos e hemerográficos, desde que elaborados numa perspectiva histórica. História das agremiações profissionais. História dos meios de comunicação jornalísticos. Excluíram-se desta categoria as biografias e os livros de memórias profissionais, que se classificaram na categoria "Jornalistas e Vida Profissional".
Ética, direito e deontologia do jornalismo, liberdade de imprensa e opinião pública	A ética, o direito e a deontologia do jornalismo correlacionam-se intrinsecamente entre si, na medida em que regulam a actividade jornalística. Por seu turno, a liberdade de imprensa emerge das leis e códigos deontológicos e é regulada por eles, ainda que a reflexão sobre ela se possa fazer filosoficamente, sem se abarcarem as questões legais. As discussões sobre a influência da imprensa sobre a sociedade e em particular sobre a opinião pública, repousam também, amiúde, sobre o princípio da liberdade de imprensa. Daí que esta categoria abarque todos esses assuntos e ainda as questões do jornalismo e da verdade quando associadas à liberdade.
Ensino do jornalismo	Livros cujo principal propósito é o de abordar questões ligadas ao ensino do jornalismo, como sejam: a sua necessidade; a estrutura de cursos de jornalismo; a fundação e organização de escolas de jornalismo, etc. Pedagogia do jornalismo.
Jornalismo e educação	Livros sobre o papel pedagógico do jornalismo e dos meios jornalísticos na educação, em particular no contexto da sala de aula. Jornalismo escolar (desde que abordado na perspectiva pedagógica e não histórica). Elaboração de jornais escolares. Imprensa na escola. Apesar desta categoria ter sido criada, não teve ocorrências.
Jornalistas e vida profissional	Biografias de jornalistas. Memórias de jornalistas enquanto profissionais do jornalismo. Reflexões sobre a profissão e o seu dia a dia desde a óptica do jornalista. Reflexões sobre os grémios profissionais (desde que não sejam feitos na perspectiva histórica ou conjuntural).
Conjuntura jornalística	Análises do mais variado tipo sobre a conjuntura jornalística, incluindo reflexões sobre questões de actualidade jornalística e relatórios de actividades das associações profissionais com inclusão de reflexões sobre jornalistas e jornalismo. Livros que analisam o jornalismo do tempo em que foram editados, enfatizando as estruturas das empresas jornalísticas existentes, as tiragens e/ou audiências, os públicos, o mercado, etc. Livros sobre as perspectivas de desenvolvimento dos meios de comunicação jornalísticos. Obras sobre a situação das associações de classe. Catálogos e dicionários hemerográficos elaborados numa perspectiva de actualidade e não histórica. Obras publicitárias dos órgãos jornalísticos com informações relevantes sobre os recursos que possuíam.
Outros e vários temas	Obras sobre jornalismo não enquadráveis nas categorias anteriores. Obras colectivas em que os autores abordam temas diferentes, cada um deles categorizável numa das categorias anteriores.

RESULTADOS

Para respondermos à primeira pergunta de investigação, decidimos agrupar os livros por décadas, com duas excepções: na primeira classe que formámos englobámos todos os livros inventariados até 1810; a última classe formada, por seu turno, só abarca 4 anos.

¹ Financiada pela Fundação Fernando Pessoa.

Tabela 2 - Evolução da produção intelectual portuguesa sobre jornalismo

Décadas	N.º de livros inventariados	%
Até 1810	8	2,3
1811 – 1820	3	0,8
1821 – 1830	37	10,4
1831 – 1840	3	0,8
1841 – 1850	6	1,7
1851 – 1860	6	1,7
1861 – 1870	3	0,8
1871 – 1880	4	1,1
1881 – 1890	10	2,8
1891 – 1900	29	8,2
1901 – 1910	17	4,8
1911 – 1920	14	3,9
1921 – 1930	22	6,2
1931 – 1940	26	7,3
1941 – 1950	47	13,2
1951 – 1960	40	11,2
1961 – 1970	44	12,4
1971 – 25 de Abril de 1974	33	9,3
Não datados e sem possibilidade de determinação indirecta do ano de publicação	4	1,1
Total	356	100

A tabela 2 mostra que foi durante o processo de industrialização acelerada do jornalismo, no último vinténio de Oitocentos, que os estudos e reflexões sobre jornalismo se começaram a fazer com uma certa estabilidade e sistematicidade, adquirindo particular relevância a partir da década de quarenta do século XX. Assim, pese embora a ditadura e a censura do Estado Novo, os estudos jornalísticos desenvolveram-se em consonância com o progresso do sistema educativo (universalização da educação básica, aumento do número de estudantes no ensino secundário e nas universidades) e as mudanças no sistema mediático (introdução da rádio e, depois, da televisão, por exemplo). Há, porém, uma excepção a essa regra. Na década de vinte do século XIX, devido à Revolução Liberal e à institucionalização constitucional do direito à liberdade de imprensa, surgiram vários livros que abordam directa ou indirectamente essa problemática, quase todos pequenos opúsculos, muitos deles motivados por ataques pessoais e respostas a esses ataques (à semelhança de alguns blogs contemporâneos). No resto do século XIX, porém, não se volta a verificar essa produtividade vintista. A guerra civil entre liberais e miguelistas, bem como os períodos ditatoriais, terão tido alguma influência nesses resultados.

Tabela 3 - Evolução da produção intelectual portuguesa sobre jornalismo por épocas históricas

Época histórica	N.º de livros inventariados	%
Monarquia	128	36
I República	26	7,3
Estado Novo	199	55,9
Sem possibilidade de determinação do período a que pertencem	3	0,8
Total	356	100

A tabela 3 mostra-nos a produtividade dos estudos jornalísticos por época histórica, oferecendo-nos uma perspectiva geral. Podemos concluir que os progressos técnicos, educativos e jornalísticos se sobrepuseram à existência de censura institucional no que respeita aos estudos jornalísticos. Em concreto, é de explicitar que, apesar de o Estado Novo ser ditatorial e censório, os estudos jornalísticos floresceram durante essa época, graças aos progressos sociais (educativos, científicos, económicos, técnicos) e mediáticos.

A tabela 4, por seu turno, dá conta da produtividade intelectual sobre jornalismo até 1974, em função das categorias temáticas definidas na tabela 1. Três categorias abarcam a maioria dos livros. A maioria relativa deles insere-se na categoria “Ética, Direito e Deontologia do Jornalismo, Liberdade de Imprensa e Opinião Pública”; seguidamente, e por ordem, surgem-nos as categorias “História do Jornalismo” e “Jornalistas e Vida Profissional”.

Tabela 4 - Produtividade intelectual no campo do jornalismo

Categorias	N.º de livros inventariados	%
Teoria do jornalismo	51	14,3
História do jornalismo	98	27,5
Ética, direito e deontologia do jornalismo, liberdade de imprensa e opinião pública	109	30,6
Ensino do jornalismo	3	0,8
Jornalismo e educação	0	0
Jornalistas e vida profissional	66	18,5
Conjuntura jornalística	28	7,9
Outros	1	0,3
Total	356	100

São várias as razões que explicam o predomínio da teorização sobre liberdade de imprensa e os estudos históricos, conforme indiciado pelos dados da tabela 4. Por um lado, as revoluções, a guerra civil do século XIX e as ditaduras propiciaram férteis debates acerca do tema. Se a Revolução Liberal abriu as portas à liberdade de imprensa, e esta fosse mais ou menos tolerada durante o Rotativismo, o miguelismo, as ditaduras de Costa Cabral, a meio do século XIX, de João Franco, antes da Revolução Republicana, e do Estado Novo (Salazar e Caetano) cercearam-na. Assim, as elites afectas aos vários regimes censórios necessitaram de justificar a imposição da censura (por exemplo: Salgado, 1945); por outro lado, as elites das oposições não deixavam, insinuantemente, de debater o tema, com maior ou menor dificuldade (por exemplo: Balsemão, 1971).

Os estudos históricos são também relevantes na produção teórica portuguesa sobre jornalismo. O elevado número de estudos históricos no campo jornalístico justifica-se porque o objecto de estudo (em particular os jornais) é, normalmente, acessível. Além disso, existem fundos documentais que facilitam esses estudos e, por vezes, é possível obter testemunhos pessoais do que aconteceu, o que ajuda a explicar essa profusão de estudos históricos. Em acréscimo, e como derradeira razão justificativa do relativamente elevado número de estudos no campo da história do jornalismo, podemos invocar a vontade de preservação da memória histórica, própria das pessoas e dos povos. A preservação da memória histórica é até, frequentemente, alimentada pelos governos para arregimentar partidários, como aconteceu em Portugal durante o Estado Novo, que impôs ao país uma ideologia nacionalista. Por exemplo, as celebrações do tricentenário da Restauração da Independência, que ocorreram em 1940, e nesse mesmo âmbito as celebrações do tricentenário do primeiro periódico português, a *Gazeta “da Restauração”*, foram pretexto para vários estudos históricos no campo do jornalismo. Embora alguns desses estudos históricos sejam, essencialmente, revisões bibliográficas que pouco ou nada oferecem de novo (por exemplo: Rocha Martins, 1942), outros dão relevantes contributos monográficos para a edificação de uma história do jornalismo, a nível nacional (por exemplo: Cunha, 1941 a), mas também ao nível regional e local (por exemplo: Costa, 1963).

A terceira categoria em que os autores portugueses que reflectiram sobre jornalismo foram mais prolixos é a dos “Jornalistas e Vida Profissional”. Os livros classificados nessa categoria maioritariamente dizem respeito a discursos evocativos de personalidades e a memórias de jornalistas, que relatam em tom de confidência episódios da sua vida profissional, centralizando neles próprios o protagonismo das histórias. Embora, por vezes, tenham um tom narcisista, essas obras oferecem, entre outras, informações preciosas sobre as rotinas jornalísticas de cada época, os processos de recolha e processamento de informações, as interacções entre jornalistas e protagonistas sociais (políticos, artistas, empresários...), a hierarquia das redacções e a estrutura das organizações noticiosas, etc. (por exemplo: Bramão, 1936; Serra, 1965).

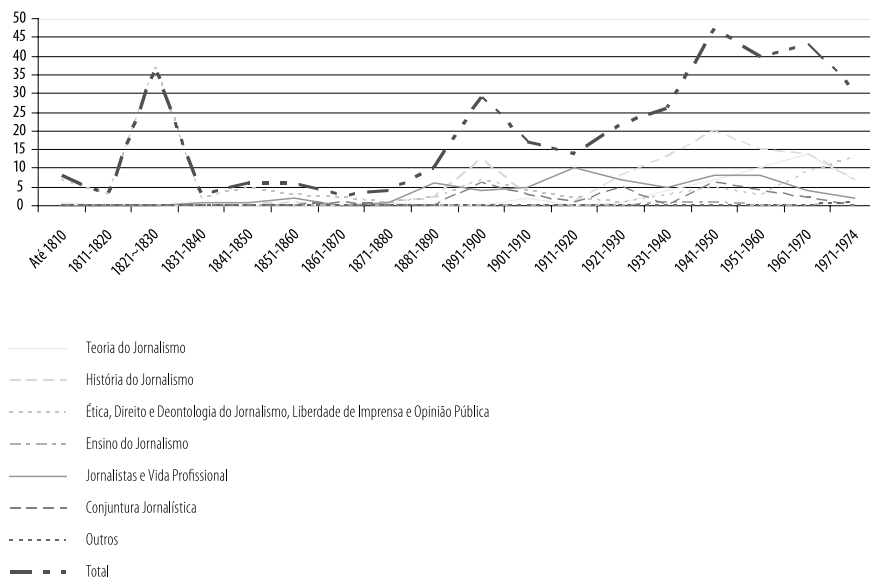
As obras que teorizam sobre jornalismo desde pontos de vista técnicos ou académicos, classificadas na categoria “Teoria do Jornalismo”, apareceram em Portugal principalmente a partir dos anos Sessenta do século XX, com a entrada das ciências sociais em Portugal. Os trabalhos de José Júlio Gonçalves (1960; 1962...) são particularmente relevantes nesse quadro.

A categoria “Conjuntura Jornalística” engloba, por exemplo, trabalhos produzidos para congressos internacionais, revelando indicadores (como tiragens, número de jornalistas, etc.) que nos permitem entender melhor o panorama jornalístico do passado (exemplo: Aranha, 1900), bem como relatórios sobre a situação conjuntural de grémios jornalísticos (por exemplo: Bessa, 1899).

As restantes categorias tiveram resultados residuais ou não tiveram livros nelas categorizados (como sucedeu com a categoria “Jornalismo e Educação”). Há que dizer, ainda, que os únicos livros sobre jornalismo especializado que encontrámos foram categorizados em “Teoria do Jornalismo” e dizem exclusivamente respeito ao jornalismo médico.

A tabela 5 permite observar como evoluiu a publicação de livros sobre jornalismo em Portugal até ao 25 de Abril de 1974, tendo em conta as principais categorias explicitadas na tabela 1.

Tabela 5 - Distribuição ao longo do tempo, por categorias temáticas, dos livros sobre jornalismo editados em Portugal (até 1974)



Do exame dos dados da tabela 5, sobressai o seguinte:

- 1) A produção editorial portuguesa sobre jornalismo até 1974 é irregular, mas intensificou-se a partir da segunda metade do século XX.
- 2) Somente a partir das duas últimas décadas do século XIX é que estabilizou a edição de obras sobre jornalismo em Portugal, em consonância com o incremento da publicação de periódicos (Tengarrinha, 1989) e com a entrada do jornalismo português na sua fase industrial.
- 3) Por vezes, a produção de livros com determinada temática é conjuntural e, provavelmente, uma questão de “moda”, em particular no que respeita aos livros da categoria “Jornalistas e Vida Profissional”.
- 4) O pico de edição na década de 1941-1950 reflecte a circunstância conjuntural do interesse pela génese e história do jornalismo em Portugal, no quadro das comemorações do tricentenário da Restauração da Independência e do tricentenário do início da publicação da *Gazeta* “da Restauração”, primeiro periódico português (1641-1647). Aliás, após esse período o interesse pelo jornalismo enquanto objecto de estudo e reflexão não esmoreceu, encontrando-se novos picos de produtividade editorial sobre jornalismo nas décadas de 1951-1960 e 1961-1970. O pico da década de 1821-1830 é conjuntural, decorrendo, conforme já explicámos, da publicação de livros e opúsculos classificados na categoria “Liberdade de Imprensa”, no seguimento da Revolução Liberal de 1820.

Avulta, de facto, da análise da tabela 5 a explosão que se verificou na edição de obras que reflectem sobre a liberdade de imprensa na década 1821-1830, devido à Revolução Liberal de 1820, que tirou a mordaza a uma elite burguesa instruída, ávida de intervir nos negócios públicos. O interesse pelas questões relacionadas com a liberdade de imprensa manteve-se, de resto, ao longo do tempo, com os números a assinalarem que nos períodos ditatoriais que antecederam a Revolução Republicana de 5 de Outubro de 1910 e o 25 de Abril de 1974 se

notou um certo incremento da atenção pela temática, em consonância, aliás, com a agitação social que se viveu em ambas as épocas. A apreensão de periódicos antes da implantação da República, por exemplo, motivou a publicação de vários textos, nomeadamente discursos de defesa de jornais perante os tribunais, conforme é exemplificado pelo texto de Boto Machado intitulado *A Liberdade de Imprensa: Carta Aberta e Minuta Extra-Processual a Propósito do Processo Instaurado Sobre a Penúltima Apreensão do Jornal Republicano "O Mundo"*. As discussões que antecederam a publicação de uma nova Lei de Imprensa, em 1971, e aquelas que se lhe seguiram também motivaram a publicação de várias obras sobre liberdade de imprensa, de que é exemplo o livro de Arons de Carvalho e Monteiro Cardoso (1971), justamente intitulado *Da Liberdade de Imprensa*.

A observação da tabela 5 mostra, igualmente, que a teorização de cariz académico e técnico sobre jornalismo (livros englobados na categoria "Teoria do Jornalismo") apenas se desenvolve consistentemente a partir de da segunda metade do século XX, mantendo uma evolução positiva até aos anos setenta, presumivelmente devido a factores já atrás referidos, como sendo: 1) Desenvolvimento das ciências sociais e do ensino universitário; 2) Atmosfera política e social efervescente; 3) Crescimento económico e progresso educativo e científico; e 4) Desenvolvimento do sector mediático. Na realidade, o final decrescente das linhas do gráfico é enganador, pois apenas foram contabilizados os livros publicados entre 1 de Janeiro de 1971 e 25 de Abril de 1974.

A história do jornalismo passa a ser tema relevante na produção bibliográfica a partir da viragem do século XIX para o XX e mantém-se como tema frequente durante as sete décadas estudadas deste último século. São várias as razões que se podem apontar para o fenómeno: 1) A existência de material passível de ser estudado; 2) A facilidade de acesso a esse material; 3) A sobrevivência de testemunhas directas de alguns dos fenómenos historiografados; 4) A possibilidade de se tratarem temas históricos sem grande asfixia censória; e 5) A vontade de imortalidade simbólica, em alguns casos pessoais, ou a vontade de preservação e engrandecimento da memória histórica. Diga-se, aliás, que no Estado Novo esta vontade de engrandecimento da memória histórica foi intensificada pela ideologia nacionalista mais ou menos oficial, assumindo particular relevo na comemoração do tricentenário da Restauração da Independência, em 1940, no âmbito do qual muito se escreveu sobre o primeiro periódico português, a *Gazeta "da Restauração"*, e a génese e evolução do jornalismo em Portugal (por exemplo: Cunha, 1941 a).

Terá sido também a vontade de imortalidade simbólica, a par de uma certa vaidade pessoal, que compeliu alguns jornalistas a deixarem para a posteridade livros de memórias. Por outro lado, a amizade e os costumes da época terão justificado porque alguns autores escreveram obras de homenagem a outros jornalistas, frequentemente elogios fúnebres, sendo que por trás destes últimos se esconderá, ainda, a vontade de ostentar a amizade com o falecido, engrandecendo o próprio autor. Essa "moda" das biografias e memórias profissionais, englobadas na categoria "Jornalistas e Vida Profissional", embora tivesse surgido a meio do século XIX, com algumas publicações pontuais, só se consolidou no final de Oitocentos, mantendo-se com maior ou menor expressão ao longo das primeiras sete décadas do século XX, em especial entre 1911 e 1930. Já fizemos referência a esses livros, que embora pouco avancem numa teorização de raiz académica do jornalismo, são importantes porque, para além das reflexões que os autores fazem sobre a actividade, deixaram-nos pistas importantes para compreendermos o que foi o jornalismo português e como se fez jornalismo em Portugal ao longo dos anos, pois descrevem rotinas profissionais, hábitos sociais dos jornalistas, formas de interacção com as fontes, etc.

É curioso notar que o pico da categoria de livros “Jornalistas e Vida Profissional” ocorre entre 1911 e 1920, num momento em que decrescem os livros de todas as restantes categorias. Embora esse pico não represente apenas uma “moda passageira”, já que se continuaram a publicar livros sobre “Jornalistas e Vida Profissional” em anos posteriores, dá a sensação de que houve uma pontual mobilização de energias para a publicação dessa categoria de livros que exauriu as energias necessárias à edição de livros com outras temáticas.

Para concluirmos a análise do gráfico da tabela 5, uma referência às obras que analisam a conjuntura jornalística. Nasceram no final do século XIX, graças a intervenções portuguesas (por exemplo: Aranha, 1894) em vários congressos jornalísticos internacionais, tornando-se constantes, embora em reduzido número, ao longo das primeiras sete décadas e meia do século XX (por exemplo: Correia, 1912).

Finalmente, a tabela 6 dá-nos o ranking dos autores mais produtivos no campo do jornalismo até ao 25 de Abril de 1974.

Tabela 6 - Autores mais produtivos no campo dos estudos jornalísticos até ao 25 de Abril de 1974.

Autores	N.º de obras inventariadas	% sobre o total de livros inventariados
José Agostinho de Macedo (1761 – 1831)	13	3,6
José Júlio Gonçalves (Contemporâneo)	11	3,1
Alfredo da Cunha (1863 – 1942)	11	3,1
Rodrigo Veloso (1839 – 1913)	6	1,7
Alberto Bessa (1861 – 1938)	5	1,4
Pedro Venceslau de Brito Aranha (1833 – 1914)	5	1,4
José M. Boavida Portugal (1917 – 2006)	4	1,1
João Paulo Freire (1885 – 1953)	4	1,1

Da tabela 6 ressalta que os primeiros oito autores nela mencionados são responsáveis por 16,5% da produção teórica sobre jornalismo antes de 1974.

A lista de estudiosos do jornalismo mais produtivos é encimada por José Agostinho de Macedo, um polémico padre de vida dissoluta, adepto do Antigo Regime, bastante prolixo na década de vinte do século XIX. As obras de Macedo não são académicas. Escritas maioritariamente no rescaldo da Revolução Liberal de 1820, são, quase todas elas, ataques pessoais ou respostas a ataques pessoais que colateralmente versam o tema da liberdade de imprensa. Outras das suas obras, porém, vão ao âmago do problema, considerando o autor que a liberdade de imprensa corroía os alicerces morais da sociedade portuguesa. É o caso de três textos emblemáticos e de título sugestivo, todos de 1821: *Cordão da Peste ou Medidas Contra o Contágio Periódico*; *Exorcismos Contra Periódicos e Outros Malefícios*; e *Reforço ao Cordão da Peste*.

José Júlio Gonçalves é um académico contemporâneo, professor do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas e antigo reitor da Universidade Moderna, cujo auge de produtividade no campo dos estudos jornalísticos se situa na década de sessenta e no início da década de setenta do século XX. A sua abordagem do jornalismo é eminentemente académica, sociológica, embora grande parte da sua produção (diga-se cheia de dados

interessantes sobre a conjuntura jornalística da época) diga respeito às ex-colónias portuguesas e não tanto ao jornalismo português.

Alfredo da Cunha, antigo director do *Diário de Notícias*, distinguiu-se, essencialmente, como historiador do jornalismo português, sendo a sua obra emblemática, *Elementos para a História da Imprensa Periódica Portuguesa (1641-1821)*, dada à estampa um ano antes da sua morte, que ocorreu em 1942. A quase totalidade dos seus textos, nomeadamente se excluirmos um livro sobre a história do *Diário de Notícias* (Cunha, 1914) e uma intervenção historiográfica sobre o associativismo dos jornalistas (Cunha, 1941 b), versa, em especial a génese do jornalismo em Portugal, sendo particularmente interessantes as discussões que travou sobre o primeiro periódico português, que alguns consideravam ser as *Relações* de Manuel Severim de Faria e outros, como Alfredo da Cunha, a *Gazeta "da Restauração"* (por exemplo: Cunha, 1939; Cunha, 1942).

Em terceiro lugar, surge o bibliófilo, juríconsulto e jornalista Rodrigues Veloso, que publicou seis curtas biografias de importantes jornalistas portugueses do século XIX e princípios do século XX (exemplo: Veloso, 1910), sendo essa a única razão por estar na lista dos mais produtivos.

Em quarto lugar, empatados no ranking de produtividade, estão o jornalista Alberto Bessa (trabalhou no *Diário de Notícias*, no *Século*, no *Diário* e no *Jornal do Comércio e das Colónias*, do qual foi director) e o jornalista e bibliófilo Pedro Venceslau de Brito Aranha.

Alberto Bessa interveio na fundação e direcção da Associação da Imprensa Portuguesa e, nessa qualidade, foi relator de pelo menos dois relatórios à respectiva assembleia-geral (Bessa, 1898; Bessa, 1899), nos quais se fazem reflexões sobre o jornalismo nacional. No entanto, as suas obras emblemáticas são *O Jornalismo*, de 1904, na qual o autor historiografa a actividade em vários países do mundo e faz uma análise conjuntural da mesma, e *100 Anos de Vida: A Expansão da Imprensa Brasileira no Primeiro Século da Sua Existência*, cujo título é eloquente e que foi publicada em 1929.

As obras do jornalista e bibliófilo Pedro Venceslau de Brito Aranha são, igualmente, diversificadas, abarcando memórias (Aranha, 1907/1908), historiografias (Aranha, 1885) e até uma comunicação a um congresso internacional (Aranha, 1894). Aranha, um autodidacta que exerceu o cargo de redactor principal do *Diário de Notícias* após a morte, em 1889, do fundador do jornal, Eduardo Coelho, e que como jornalista também tinha dirigido os últimos números da revista enciclopédica ilustrada *Arquivo Pitoresco*, tornou-se conhecido, em particular, por ser autor, em conjunto com Inocêncio da Silva², do *Dicionário Bibliográfico Português*.

Boavida Portugal, recentemente falecido, foi um jornalista, também dramaturgo e poeta, que se salientou, sobretudo, pelo seu protagonismo na criação e desenvolvimento da Casa da Imprensa, associação mutualista dos jornalistas. É nesse quadro que desenvolve a maioria da sua pesquisa e reflexão sobre jornalismo, como exemplificam o livro *Para a História da Casa da Imprensa* e o folheto *Para Um Mais Certo Conceito da Profissão Jornalística*.

João Paulo Freire foi um combativo jornalista e escritor que se distinguiu nas primeiras décadas do século XX, tendo trabalhado para jornais regionais e mesmo para o jornal religioso *A Ordem* (do qual foi director), bem como para *A Nação*, *Diário Ilustrado*, *A Capital* e *Jornal de Notícias*, no qual saíram as suas últimas crónicas, poucos dias antes de morrer. Além de um livro historiográfico sobre o *Diário de Notícias* (Freire, 1939), o referido autor legou-nos

obras combativas que reflectem sobre os problemas do jornalismo e da censura (Freire, 1926; Freire, 1934), tendo sido, também, um dos primeiros portugueses a reflectir sobre o profissionalismo jornalístico (Freire, 1936).

Bento Carqueja dirigiu *O Comércio do Porto*, tendo assumido a direcção do jornal quando morreu o seu tio e co-fundador do mesmo, Manuel Sousa Carqueja. Foi na qualidade de director do *Comércio* que Bento Carqueja escreveu três obras historiográficas sobre esse importante e recentemente desaparecido diário portuense (por exemplo: Carqueja, 1934), embora também tenha reflectido sobre a liberdade de imprensa, num livro publicado em 1893.

CONCLUSÕES

Face aos dados apresentados, há três grandes conclusões a tirar:

- 1) Existe um vasto número de obras sobre jornalismo publicadas em Portugal e por autores portugueses antes do 25 de Abril de 1974, sendo muitas delas ignoradas, mesmo pelos teóricos do campo.
- 2) A produção teórica sobre jornalismo incrementou-se e, até certo ponto, diversificou-se ao longo do tempo, mas esteve sempre sujeita à conjuntura histórica de cada época. Dois exemplos contribuem para sustentar esta conclusão. Por um lado, a intensificação do ritmo de aparecimento de novas publicações e a industrialização do jornalismo incentivaram os estudos jornalísticos; por outro lado, em épocas ditatoriais e de repressão sobre a imprensa aumentou o número de escritos que versaram sobre liberdade de imprensa.
- 3) Reflectindo a situação do país, a produção livreira no campo do jornalismo até 1974 centrou-se em Lisboa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANHA, [Pedro Venceslau de] Brito (1885). *Subsídios Para a História do Jornalismo nas Províncias Ultramarinas Portuguesas*. Lisboa, Imprensa Nacional.
- ARANHA, [Pedro Venceslau de] Brito (1894). *Rapport de la Section Portugaise, 1er Congrès International de la Presse, Anvers*. Lisboa, Imprensa Nacional.
- ARANHA, [Pedro Venceslau de] Brito (1900). *Mouvement de la Presse Périodique en Portugal de 1894 a 1899*. Lisboa, Imprensa Nacional.
- ARANHA, [Pedro Venceslau de] Brito (1907/1908). *Factos e Homens do Meu Tempo. Memórias de Um Jornalista*. Lisboa, Parceria António Maria Pereira.
- BALSEMÃO, Francisco Pinto (1971). *Informar ou Dependere?* Lisboa, Ática.
- BESSA, Alberto (1904). *O Jornalismo. Esboço Histórico da Sua Origem e Desenvolvimento Até aos Nossos Dias*. Lisboa, Livraria Editora Viúva Tavares de Castro.
- BESSA, Alberto (1899). *A Associação da Imprensa Portuguesa no Segundo Ano da Sua Existência. Relatório a Ser Presente à Assembleia Geral*. Lisboa, Tipografia de O Expresso.

² Inocêncio da Silva nomeou Brito Aranha seu executor testamentário, tendo-lhe deixado várias anotações que permitiram a este último continuar o projecto do primeiro.

- BESSA, Alberto** (1929). *100 Anos de Vida. A Expansão da Imprensa Brasileira no Primeiro Século da Sua Existência*. Lisboa, Livraria Central de Gomes de Carvalho.
- BESSA, Alberto**. (1898). *A Associação de Imprensa Portuguesa. Sua Fundação e Actos da Comissão Instaladora e da Comissão Especial de Socorros Desde Setembro de 1897 a Março de 1898. Relatório*. Lisboa, Imprensa de Libânio da Silva.
- BRAMÃO, Alberto Pereira Sequeira** (1936). *Recordações do Jornalismo, da Política, da Literatura e do Mundanismo*. Lisboa, Livraria Central Editora.
- CARQUEJA, Bento** (1893). *A Liberdade de Imprensa*. Porto, O Comércio do Porto.
- CARQUEJA, Bento** (1934). *O Comércio do Porto ao Completar Oitenta Anos. Notas para a Sua História*. Porto, O Comércio do Porto.
- CARVALHO, Alberto A[rons] de e Cardoso, A. Monteiro** (1971). *Da Liberdade de Imprensa*. Lisboa, Meridiano.
- CORREIA, Henrique Fernando de Oliveira** (1912). *Relatório da Visita ao Jornal "O Século"*. Lisboa, Imprensa Nacional.
- COSTA, Francisco Alberto Arruda Carneiro** (1963). *Comemoração do Primeiro Século de Jornalismo de Vila Franca do Campo*. Ponta Delgada, s/e.
- CUNHA, Alfredo** (1941 b). *Jornalismo Nacional: Das Malogradas Associações de Imprensa à Alvitrada Ordem dos Jornalistas Portugueses (Conferência 1929-1942)*. Lisboa, Tipografia Gráfica Santelmo.
- CUNHA, Alfredo da** (1941 a). *Elementos para a História da Imprensa Periódica Portuguesa (1641-1821)*. Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa.
- CUNHA, Alfredo** (1914). *O Diário de Notícias. A Sua Fundação e os Seus Fundadores*. Lisboa, Tipografia Universal/Diário de Notícias.
- CUNHA, Alfredo** (1939). *Olisipo, Berço do Periodismo Português. O Tricentenário da "Gazeta" Cognominada "da Restauração"*. Separata da revista *Olisipo*, nºs. 7 e 8, 1939.
- CUNHA, Alfredo** (1942). *Periódicos e Relações, Periodistas e Noticiários. Separata do Boletim da Academia de Ciências de Lisboa*, Vol. 13, Dezembro de 1941 [Publicado em 1942].
- FREIRE, João Paulo** (1926). *Os Margalhos da Censura*. Lisboa, Centro Tipográfico Colonial.
- FREIRE, João Paulo** (1934). *Pela República. Dois Anos de Luta ao Parapeito do "Diário da Noite"*. Lisboa, Livraria Central Editora.
- FREIRE, João Paulo** (1936). *Escolas de Jornalismo. Temas Profissionais*. Porto, Livraria Educação Nacional.
- FREIRE, João Paulo** (1939). *O Diário de Notícias. Da Sua Fundação às Suas Bodas de Diamante. Escórcio da Sua História e das Suas Efemérides*. Edição Comemorativa das Bodas de Diamante do *Diário de Notícias*. Lisboa, Diário de Notícias.
- GONÇALVES, José Júlio** (1960). *Técnicas de Propaganda*. Lisboa, Junta de Investigação do Ultramar.
- GONÇALVES, José Júlio** (1962). *Sociologia da Informação*. Lisboa, Junta de Investigação do Ultramar.
- MACEDO, José Agostinho de** (1821). *Cordão da Peste ou Medidas Contra o Contágio Periodiqueiro*. Lisboa, Oficina da Viúva de Lino da Silva Godinho.
- MACEDO, José Agostinho de** (1821). *Exorcismos Contra Periódicos e Outros Malefícios*. Lisboa, Oficina da Viúva de Lino da Silva Godinho.
- MACEDO, José Agostinho de** (1821). *Reforço ao Cordão da Peste*. Lisboa, Oficina da Viúva de Lino da Silva Godinho.
- MACHADO, Fernão do Amaral Boto** (19__). *A Liberdade de Imprensa: Carta Aberta e Minuta Extra-Processual a Propósito do Processo Instaurado Sobre a Penúltima Apreensão do Jornal Republicano "O Mundo"*. Lisboa, Tipografia Bayard.
- MARTINS, Rocha** (1942). *Pequena História da Imprensa Portuguesa*. Lisboa, Inquérito.

PORTUGAL, J. M. Boavida (1954). *Para Um Mais Certo Conceito da Profissão Jornalística*. Lisboa, Casa da Imprensa.

PORTUGAL, J. M. Boavida (1959). *Para a História da Casa da Imprensa*. Lisboa, Oficinas Gráficas da Gazeta dos Caminhos-de-Ferro.

SALGADO, Joaquim (1945). *Virtudes e Malefícios da Imprensa*. Porto, Portucalense Editora. Serra, Afonso (1965). *Colectânea Jornalística*. Lisboa, União Gráfica.

TENGARRINHA, José Manuel (1979). *História da Imprensa Periódica Portuguesa*. 2ª edição revista e actualizada. Lisboa, Caminho.

VELOSO, Rodrigues (1910). *Jornalistas Portugueses I*. António Rodrigues Sampaio. Famalicão, Tipografia Minerva.